



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

13 DE FEVEREIRO DE 1965
ANO XXI — N.º 546 — Preço 1

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR, PADRE CARLOS

FUNDADOR *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENARI
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



SETUBAL

UMA destas tardes de inverno eu regressava de Lisboa. Trazia a alma dorida porque ao meu pedir responderam com propostas de negócio!... Eu sabia que aquela porta se devia ter aberto — e não abria por não se sentir a urgente necessidade dos caídos, não se acreditar na verdade da minha situação e pelo absorvimento que a finança provoca. Vinha a meditar no erro dos homens, na mentira da vida, a viver a felicidade da Pobreza e dar graças a Deus por me livrar da grande tentação do dinheiro.

Entre no barco. Os cacilheiros àquela hora enchem-se rapidamente. Gente de todos os níveis sociais. Cada um se acomodou o melhor que pôde. Alguns ficaram de pé, que não havia lugares nos bancos. A embarcação, repleta no primeiro e segundo piso, começou a deslizar atravessando o Tejo. Os engraxadores apregoam «graixa». Há vendedores ambulantes de jornais vespertinos, revistas e romances policiais, pentes e sabonetes!... Aqui e ali grupos em conversa animada. Um ou outro lê um livro, jornal ou revista!...

A cortar a ambiência já feita, um cego, conduzido por uma criança, começava a sua pedincha. As atenções concentraram-se imediatamente nos dois personagens. Os passageiros pareciam ter sido atravessados por um raio de comoção que a todos prostrou. Ouviam-se lamentações: «Pobrezinhos! Coitadinhos! Ih... Jesus!» Também alguma imprecação: «Não há direito!...»

Também eu me comovi. O espectáculo não era para outra reacção! O cego, um homem de boa estatura, idade aproximada a quarenta e cinco anos, fazia-se guiar por um rapazinho duns cinco ou seis anos com cara de enfezado, raquítico, muito branquinho, olhos encovados, roto, sujo e descalço,

que vestia umas calças compridas com as pernas arregaçadas deixando ver os calcinhares muito feridos.

Passavam entre os corredores de passageiros que, descarregando a comoção provocada, lançavam na caixa A. B. L. B. as suas moedas.

Apoderava-se de mim uma revolta interior por tudo o que observava. Aquela criança era a primeira vítima da habilidade do cego e do erro da piedade do povo.

Propositadamente (não por necessidade pois tiravam tanto dinheiro) o rapazinho era apresentado de modo a cortar o coração de todos. Habitado desde aquela idade à pedincha (um vício que mui profundamente corroi a personalidade) e a ver o dinheiro cair na

Cont. na TERCEIRA página

Malanje

«Querido Senhor Padre Telmo.

Deus queira que esta ainda o vá encontrar aí, cheio de boa disposição e com menos frio do que quando me mandou umas letrinhas. Já foi visitar os seus pais? E que tal? Diga-nos coisas ou, senão, vá apreciando bem para depois nos dizer as novidades daí. Olhe, a Emília manda dizer para não se esquecer de comprar aí peúgas para os moços, pois aqui são muito caras. Como o Senhor Padre Telmo vai despachar por barco uma mala de mão, daí os nossos pedidos. Veja lá que essa que vai despachar não venha cheia de farrapos velhos como a outra! Veja lá a concorrência do Senhor Padre Manuel!

O Senhor Padre Carlos que tenha paciência por eu não ter mandado o que ele me pediu. As festas por cá prenderam-me muito. Se ainda se encontrarem, dêem um grande abraço um no outro, fazendo de conta que sou eu a fazê-lo com a minha «fortaleza» toda, está bem?

Quando chegar a Luanda não se esqueça de ir à direcção dos Caminhos de Ferro afim de renovar o pedido das viagens.

As nossas festas aqui correram muito bem. As Bodas de Prata também. Todos comungaram e então o povo foi uma enchente e também quase todos comungaram. Esteve o Senhor Bispo, Senhor Governador, etc. Correu tudo muito bem. Mas como sempre uma barraca: faltaram os guardanapos! Não fizemos despesa quase nenhuma. Pelo Natal deram-nos muitas coisas que chegaram para tudo. Veja lá! Tinha dito para comprar dois garrafões e ofereceram-nos seis! Todos de pacote! E pronto. Abraços a todos, dos seus

Fernando, Emília e...»

Nesta altura do ano, devíamos dar contas, ou até fazer um relatório; mas não. As nossas contas são feitas com obras e quem quiser ver, venha por aí

Continua na QUARTA página

É pelos donativos dados com muito amor e carinho, que nós já temos a Casa Mãe de Malanje com a placa!

O correio, graças a Deus, tem sido uma farturinha! E, por isso, «Caixa d'Óculos» não dá conta do serviço. São cartas espumantes, cartas formidáveis de grandeza espiritual. E delas cheias de bom humor, que dão alento, também.

Olhem pra esta:

«Meu caro Caixa d'Óculos.

Quem te escreve é outro «Caixa d'Óculos». Não te zangues!... Como sei que estás atrapalhado com a saída do «Pão dos Pobres», espero que me não deixes sem pão e me envies o III volume pelo correio, na volta, se possível.

Junto 40\$00. Não sei se chega. Se não chegar, manda dizer. Um abraço do

Caixa d'Óculos

Pão dos Pobres

Ó carta!

Descanse, bom Amigo. Nosso «Caixa» (eu também sou...) achou-lhe muita piada. Mas; resolveu, até, servi-lo imediatamente! Mas os senhores que ainda esperam não zanguem. Ele satisfará todos dentro em pouco.

É que isto de lidar com o ficheiro e correspondência teus quês — atendendo a seus 14 anos. Por isso, com a sua ironia simplis

carregou logo no gatilho pra outra banda:

— Este sim. Com este até dá gosto trabalhar!

— Então?!

— Tem uma letra que é uma categoria! Vai já o «Pão dos Pobres» pró correio.

E lá desandou prá mesa a preparar o embrulho.

O pior são os que chegam devolvidos por mudança de direcção! Sou eu que o aturo...

— Como é que esses senhores andam sempre com a cabeça às costas e não passam cartão?!

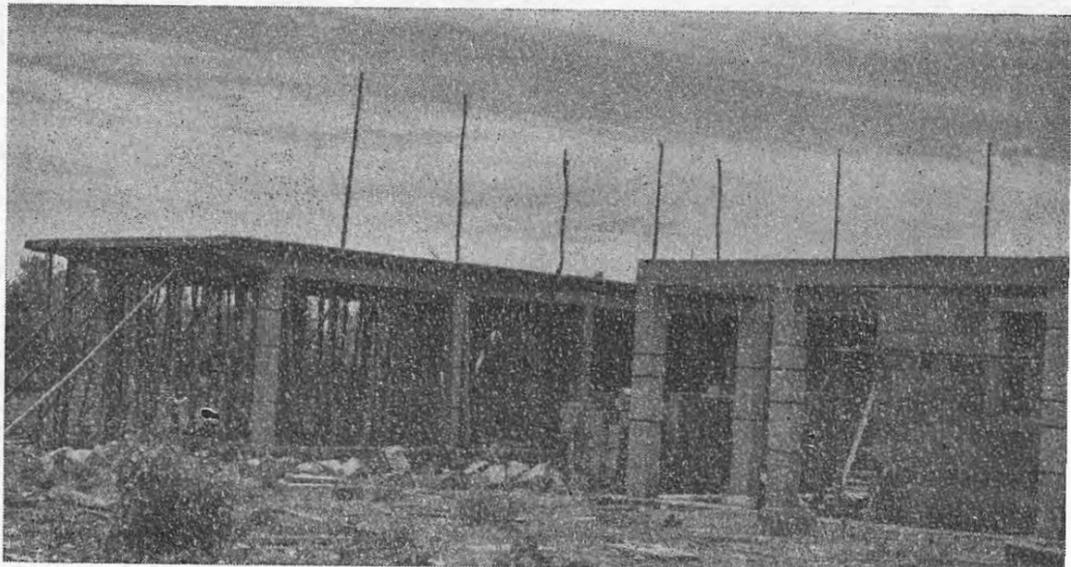
— Ó rapaz tem calma; tem paciência!

E então pelos que devolvem com nota de «Já tenho! Esses «não será falta de aviso, no jornal, supondo que o «Pão dos Pobres» tem um só volume?», replica Senhor Padre João Maria. Aqui vai já o SOS com todas as letras: o livro tem três volumes. E o que anda na rua é o terceiro. Cautela!

Assim não há mais confusões. E toda a gente fica sossegada. Inclusive o «Caixa d'Óculos». Ele gosta mais de ver livre a sair que a regressar. Por isso, ficou satisfeitíssimo com esta boa Amiga de Lisboa:

«Meus bons amiguinhos «Caixa d'Óculos» ou «Campaner» Por saber que ficaram tristes com algumas devoluções

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA



Do que nós necessitamos

Dos muitos donativos até nós chegados, há deles que se referem ao Natal, às Bodas de Prata e ainda àquelas presenças de sempre, dos que diariamente comungam connosco. A todos, que o Bom Jesus vos recompense.

E vamos a elas:

Selos de Coruche. 50\$ do Porto. Da secção de montagem de metais da Empresa Electro Cerâmica do Candal — Gaia, 50\$. Da Sacor, o costumado donativo natalício de 6.000\$. Uma caixa de vinho do Porto e 100\$ da Princol. De um Grupo de Amigos e empregados do BNU de Nampula, 2 cheques de 1.000\$ e 140\$. Mais 20\$, 50\$ e 75\$ em selos. A costumada caixa de 12 garrafas de vinho do Porto, de Manuel D. Poças Júnior, L.da.

No 42.º aniversário da firma Polónio Basto & C.ª, uma lembrança de 500\$00. Do nosso assinante em Chicopee, Massachusetts, um cheque de 11 dollars. E fique certo,

Amigo, que recebemos suas anteriores notícias. Lisboa com 500\$, 50\$ e 100\$. E do Grupo Excursionista dos Contínuos Cobradores do Banco Espírito Santo, de Lisboa, 300\$. Uma Penichense envia 100\$ pelo bom êxito dos exames dos seus filhos. «De anónimo 13», 50\$. Guimarães com um vale de 174\$90. M. H. com 50\$00. Da Escola de Educadoras «Paula Frassinetti», 112\$50. Uma professora primária apresenta-se com 60\$. «Para o que melhor entenderem», 70\$ de Matosinhos. E presenças da Avó de Moscavide, de 20\$+50\$+20\$. Por alma de Maria Alves Pena, 600\$. E de «Uma amargurada pelo dia 22», 50\$+50\$.

De um Senhor Engenheiro muito nosso amigo, um cheque de 50 contos, a distribuir pelas várias actividades da nossa Obra. Tudo foi cumprido. «Um pai feliz», envia 1.000\$, destinados ao caso do «Cantinho dos Rapazes», publicado no Famoso n.º 542. Diz este pai: «A carta publicada, foi por mim bem sentida, pois, pai de dois rapazes, hoje formados, também senti algumas dificuldades para a sua formatura. A carta foi, pois, lida e relida sôfregamente e o coração a ordenar que ajudasse de qualquer maneira o Jacinto Ferreira Peixoto».

Mais do Porto, 50\$, 10\$, 50\$ e 20\$. De uma promessa, 1.000\$. Um primeiro ordenado, 53\$. R. D. com 170\$. Mealhada, 50\$. Do Pessoal da Fábrica de Malhas de Ouro, 225\$. Senhora D. Noémia, de Azurara, entregou-nos 1.078\$, produto duma subscrição entre pessoas amigas. «Pela saudade da minha Maria, 100\$00». Várias importâncias sem terra de procedência à vista: 50\$, 100\$, 220\$, 400\$, 60\$, 250\$, 10\$, 50\$, 50\$, 100\$ e 20\$. Sempre silenciosa a presença da Rua da Madalena, não falta: 40\$+20\$. E de Viana do Castelo, terra que eu não

me canso de visitar, com a legenda: «Para os mais pobres dos Pobres», 50\$+200\$+300\$+300\$. E o muito que nos vem do Espelho da Moda, porta sempre aberta, para tudo que seja em benefício da Casa do Gaiato. Ele embrulhos, trabalhos para as nossas oficinas, donativos e tudo o que o vosso amor vos leva a lá depositar.

Era ao meio da tarde do grande dia 7 de Janeiro. Havia acabado o almoço e os Amigos que estiveram presentes, despediam-se. Um casal bem parecido, aparece e deseja falar com um dos nossos Padres, naquela hora bastante ocupados. Mas tudo se arranjou — e, já na partida, deixou-nos um cheque de 80 mil escudos em sufrágio da alma de uma Senhora. Quanto mais damos, mais recebemos e a palavra do Mestre eterniza-se pelos séculos em fora: «Dai e dar-se-vos-á».

Porto com 20\$ e 20\$. Anónimo entregou 10.000\$00 no Espelho da Moda. Um chale para uma velhinha do Barredo. Uma caixa de lâmpadas, do Porto. Mais 1.000\$, do Pessoal da Fábrica de Malhas Ferpos. 2.000\$ de Gaia. Uma caixa de medicamentos de Carviçais. Da Companhia do Açúcar de Angola, um vale de correio de 1.500\$. Selos da Covilhã. «Humilde pecadora», com 800\$. Da Capital, 1.000\$, 100\$, 100\$ duma enfermeira, 500\$, 200\$, 150\$, 100\$, 200\$, 300\$, 200\$. E 5.000\$00 da Senhora dos Cobertores: «conforme o compromisso que tomei, envio com muita alegria o cheque junto, destinado à compra dos cobertores». Também a alegria dos Pobres se confundiu com a nossa, ao receber a vossa presença.

Da Tabacaria Lusa, na Praça da Batalha — Porto, «206\$50 que é o produto dos donativos lançados pelos nossos clientes, na caixa-mealheiro colocada no nosso balcão». Mais da Invicta, 220\$, 50\$,

250\$, 50\$, 50\$, 60\$, 50\$, 23\$, 20\$ e 300\$ de duas Irmãs muito amigas. Mais 2.500\$00. Sociedade de Cristais, com 200\$. Anónimo com 50\$. De M. Azevedo, 100\$. «Um viúvo muito triste», 40\$. De uma promessa, 1.000\$. Caldas da Rainha com 500\$. A pedido de um filho, a esposa dum assinante envia 400\$. J. H. C. enviou uma caixa com selos usados, que vinham muito bons e que já seguiram para a nossa Casa do Tojal. 39\$ de uma assinante, ao comemorar os seus 39 anos. E 76\$50, de muitas, «por uma porta aberta na Secretaria do Liceu Carolina Michaelis». Bem muitas, sim senhor!

Samora Correia com 500\$. Coimbra com 700\$. Valadares com 130\$. De Alice, 100\$. De Campo Maior, pessoa anónima envia um vale de 4.000\$ e pede orações por um doente. De Quelimane, 50\$. Da União dos Grémios dos Comerciantes do Porto, 1.000\$. «Do primeiro ordenado de minha filha», 20\$. Assinante de Rio Tinto, 3 vezes 100\$. De Nazaré, 50\$. Penafiel, com 40\$00. Assinante 30884, com 150\$, paga três assinaturas. De Luanda, vários depósitos para o Barredo. Do Grémio das Oficinas de Reparação de Automóveis, 100\$. Ervedal da Beira, com 20\$. Ass. 32337, com 1.000\$. Amigo de Castelo Branco, 20\$. E muitas encomendas de roupas: de Espinho, Braga, Coimbra, Porto, Barreiro, Lisboa e Porto.

Um caixote de botas de borracha, da Fábrica Casal, de Gaia. Uma bomba manual

Por

MANUEL

PINTO

para encher pneus. Um volume com solas de Monteiro Ribas. Lençóis do Porto. 15 colteiros da Fábrica de Lanifícios nas Poldras. Lenços do Porto. 10 camisolas tirones, de C. Teixeira Gomes, L.da. Da Fábrica de Malhas de Silvares, meias, peúgas e camisolas. Um saco com feijão, roupas e livros de Olêdo. De Pinhel, 20\$. «Uma amiga da Obra», com 200\$+200\$. De A. T. M. «por ter ficado bem num concurso de promoção, ofereço o meu aumento de um mês de ordenado, 700\$, à Casa do Gaiato, para o que for mais necessário».

Da Figueira da Foz, um nosso cliente da tipografia pagou uma factura e sobrou 45\$50 para a Casa. Agueda com 500\$. «Eterna Saudade, de Tomar», com 50\$. De Kiel — Alemanha, 25 marcos. Da Murtosa, 1.000\$. Gondomar com 100\$. Idem da Marinha Grande. De algures, 500\$00. A. J. Gonçalves de Morais, 100\$. Um vale de 1.500\$00 do Porto. 152\$30, produto de uma caixa-mealheiro colocada junto de um presépio em Vizela. Da Fábrica Dragão Dilumit, 10 discos para a Serralharia. Sempre que batemos a esta porta, encontramos gentileza. 6 cobertores da Guarda. Uma toalha para o altar da nossa Capela, de Viana do Castelo. Mais roupas de Rossio ao Sul do Tejo, Ericeira e Matosinhos. Uma cama de Lisboa. 15 metros de tecido de Benedito Barros & C.ª. Roupas novas dos Armazéns do Norte. Da firma Correia de Carvalho & C.ª L.da, 10 cobertores de lã e 10 chales. Estas ofertas são sempre bem recebidas, especialmente nesta quadra friorenta que atravessamos. E uma estu-

penda capa de abafo, que ficou mesmo a calhar a um dos snrs. Padres.

António cá está como sempre e em todos os meses com os donativos de 100\$+100\$ e suas intenções. Do Pessoal de tecelagem da Fábrica do Jacinto, 1.000\$. De duas operárias da mesma Fábrica, 110\$. E esta carta a encerrar:

«São os Santos instrumentos de que Deus, Pai Misericordioso e Bom, se serve para recordar aos homens, pelo Seu exemplo, pelas Suas Obras, que só pela prática da Caridade e do Bem, amando nos Pobres o nosso próximo, alcançaremos o Seu Reino!»

Decorridos que são 25 anos sobre a fundação da «Obra da Rua», Esta aparece-nos em toda a Sua pujança na Sua marcha ascensional para Deus!

É com o mais profundo reconhecimento ao Pai Américo, Santo dos nossos dias, pelos ensinamentos que nos trouxe, que me associo às comemorações das Bodas de Prata, juntando as minhas orações às de tantos e tantos outros Irmãos em Cristo, que vivem alegremente horas tão queridas aos nossos corações!

Que Deus continue a derramar generosamente as Suas Bênçãos, sobre a «Obra da Rua» e sobre quantos a servem com tanto Amor. São os votos, no dia de hoje, deste vosso humilde irmão em Cristo Nosso Senhor.

P. S. — Para juntar a acção à palavra, vai a quantia junta. Obrigado!»

Uma carta, toda ela prova evidente de que a «Obra da Rua» é algo mais do que obra de amparo e formação. É um «Santuário de Almas», onde Cristo é a pedra angular.

Manuel Pinto

PÃO DOS POBRES

Cont. da PRIMEIRA página

venho pedir-lhes o favor de me enviarem um livro. Gostava de os ter todos, mas como sou pobre e ganho só a miséria de quinhentos escudos, é a razão porque não os tenho. Como o vosso jornal nos dá grandes lições de ensinamento e coragem, dando-nos força para vencer, aqui me têm. Consegui juntar estes 100\$00 que lhes envio com muito prazer e mais terei ainda em ler esses grandes livros, escritos por o nosso Pai Américo — o Grande! Alma imensa em tudo!»

Não foi só um. Mas todos os nossos livros; todos.

Hoje, se pudéssemos, teríamos o Famoso por nossa conta. Tantas cartas! E tão formosas e vibrantes de espiritualidade! Grandezas que o mundo finge ignorar — mas precisa de saber e conhecer e meditar. Esta é de Famalicao:

«Envio 50\$00 para o gran-

dioso livro «Pão dos Pobres», o qual eu muito lhe agradeço a oferta que me fez, e acho também muito insignificante a minha migalhinha que lhe envio, porque este livro para mim vale mais que todo o ouro existente em todo o mundo. Os chefes principais das grandes nações do mundo inteiro deviam lê-lo e apreciá-lo para, bem assim, dar um rumo definitivo às bombas atómicas para bem da humanidade e para a paz do Mundo e criar a verdadeira união de todos os cristãos e que dentro em breves tempos houvesse um só rebanho e um só Pastor. Eram esses os meus maiores desejos».

A voz de um Cristão em plena Semana da Unidade. Não tem canudo; tão pouco é um intelectual. Sim, um homem do povo. Um Cristão!

O «Pão dos Pobres» é um Livro Sagrado — diz uma Setubalense. E muito bem. Não fosse assim e seria possível

exultar como aquele nosso irmão famalicense?

Eu não devia ficar por aqui. Não devia. Mas a culpa não é minha. «Campanera» prantou agora mesmo sobre a secretaria uma relação das crónicas pra este número. E... puz as mãos na cabeça. E travei a esferográfica. Restando-me só uma recomendação: — Ainda há livros na estante. Tanto do 3.º, como do 2.º e, até, do 1.º volume do «Pão dos Pobres». Pois se o leitor quiser Pão — que alimenta a alma — faça favor de botar pra cá um postal. E nosso «Caixa d'Óculos», oportunamente, despachará os pedidos. Ele está práqui, atrás de mim, a fumar — «nunca mais dou conta disto!»

Que bom!

Ponham o «Caixa» a fumar. E aqueçam-se com as calorias do Pão que dá Alimento.

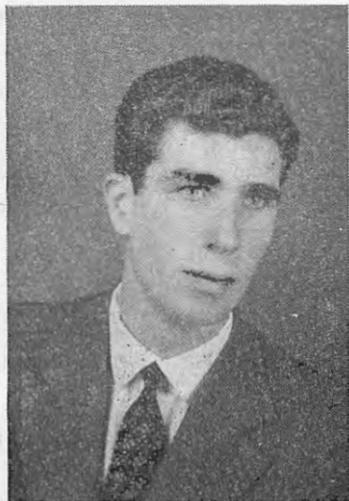
Júlio Mendes



TRIBUNA de Coimbra

O Senhor, muito mansinho, veio buscar o Gabriel. O Gabriel parecia não acreditar ainda que a sua viagem estava tão próxima. Estive com ele horas antes e nada percebi do termo desta vida de martírio. Gabriel começara de manhã a tomar um novo medicamento e estava cheio de esperanças. Todo o homem tem ânsia de viver. Para mim, esta ânsia é uma prova da exigência natural de uma Vida que não acabe.

Gabriel tinha vinte e seis anos. Veio para nós aos treze. Inteligente e artista. Era umas mãos finas na arte de marcenaria. O Senhor cedo o veio escolher para uma vida de sofrimento.



O Gabriel, no seu último ano de vida na terra, vai falar-nos:

«Fez 9 anos que o Senhor Padre Horácio me levou ao hospital de Celas para ali ficar internado. Deve lembrar-se. Desde então para cá tem sido um não mais acabar de sofrimento. Não tanto o sofrimento físico, porque já quase o esqueci, mas o sofrimento moral.

Deus queira que tudo isto seja um prémio. É esta a minha única consolação, a minha única esperança».

O Gabriel tinha génio de artista. Foi o nosso primeiro ensaiador das festas. Todo ele vibrava. Ouçamo-lo:

«No dia 28 também estarei presente de alma e coração no Avenida de Coimbra.

Nos camarins, fora e dentro do palco, eu lá estarei. Sobretudo no momento da apresentação do «Calvário». Também farei parte dele.

Fazem tão bem estas festas aos jovens, que andam tão obsecados com estes novos espectáculos realizados por adultos e apresentados por despenteados!»

E passados dias: «Já sei que as festas correram bem, o que muito me alegra. Tive pena de não assistir, mas paciência. Tive de ficar longe a viver triste aquilo que todos viveram alegres.

Enfim é a vida. Deus quer assim — faça-se a Sua vontade. No entanto vou-Lhe pedindo que vá encurtando «este meu viver». Desejava outra vida nova».

Os doentes daquele sanatório costumam ir a Fátima todos os anos. O Gabriel também quis ir e, a propósito, recomenda-nos: «No dia 13 irei a Fátima com os outros doentes. Vou com muita fé em Nossa Senhora. Nesse dia, ao meio-dia, antes da refeição, rezem uma Avé-Maria por mim. Eu também não me esquecerei de vós».

E de Fátima, em postal ilustrado, o Gabriel escreveu-nos:

«Senhor Padre Horácio e queridos Irmãos: — Desejo-lhes muita saúde e que Nossa Senhora abençoe todos vós. Daqui, deste lugar sagrado, onde todos se sentem bem, não me esqueci de vós.

Que Nossa Senhora vos abençoe — Gabriel».

Dias depois o Gabriel diz-nos em carta: «Agora felizmente sinto-me melhor, mais animado e com mais vontade de levar esta cruz até ao fim. Que Nossa Senhora me ajude».

E, precisamente um mês antes da sua partida, o Gabriel, a propósito do Natal e do nosso jubileu das Bodas de Prata, escreve-nos: «Desejo-lhe de todo o coração um dia muito alegre, muito feliz e cheio de Bençãos do Senhor.

Estou a vê-lo atarefado com a preparação da festa que vamos fazer ao Santíssimo Nome de Jesus, comemorando as Bodas de Prata da nossa Obra.

A preparação da festa estará mais a cargo de cada um de nós. Que o Senhor nesse dia nos abrace numa comunhão única e que Pai Américo cante Glória com os irmãos Gaiatos que junto dele estão. Cumprimentos a todos. Receba um saudoso abraço deste seu filho — Gabriel».

Veio passar connosco o Natal e a festa dos nossos 25 anos. Voltou para o sanatório. Agora partiu a juntar-se a Pai Américo e aos irmãos gaiatos a cantar a Glória do Senhor.

Juntemos todos a nossa prece ao seu martírio na terra para que Deus o tenha em paz.

Padre Horácio

Por

PA DRE

FONSECA



Auto-Construção é pobre. Recordemos um dos dados essenciais do problema. Auto-Construção ajuda os Auto-Construtores. Sem essa ajuda o movimento não terá a menor viabilidade. Coisas como estas exigem deslocações, imprensa, subsídios maiores ou menores, conforme os casos. Ficar na posse das casas até os futuros proprietários as pagarem é um caminho, mas não é o nosso caminho. Era, sem dúvida, um meio humano e justo de solucionar uns tantos casos. Esse processo

existe e é seguido por autarquias locais, organismos oficiais e cooperativas de construção. Existem — e felizmente que existem — tais modalidades. Mas pergunta-se: Há quantos anos? E quantas famílias sem casa? Quantos casos miseráveis neste aspecto da vida? Quantos? Sejamos corajosos. Amemos a verdade. Tenhamos a grande coragem de não fugir, de não esconder a mesma verdade. Usemos os processos antigos que deram alguns bons resultados, mas tenhamos outros processos novos que irão resolver alguns de tantos e tantos casos que, até ao presente, não tiveram solução alguma. Conforme se encontra a educação e a vida económica de muitas famílias, Auto-Construção será talvez o único meio de elas virem a ter a sua casa. Mas Auto-Construção não fica dona, senhora, proprietária das habitações durante tempo algum. De maneira alguma enveredaremos por esse caminho. Ajudarmos a fazer casas e ficarmos — ainda que apenas por alguns anos — senhores delas, não é o nosso caminho. Não o queremos. Casas concluídas, casas entregues e ocupadas pelos próprios. O contrário traria muitas dores de cabeça, além daquelas que já

temos. Certamente seria um processo legítimo; mas quantos outros sigam esse caminho? Sendo assim, Auto-Construção não tira rendimentos das realizações feitas. Tem, por isso, que ser necessariamente pobre. Esta circunstância, se lhe é desvantagens, traz-lhe também enormíssimas conveniências. Temos de ser mais humildes, muito mais limitados, possuímos mais tempo disponível, não gostamos a vida nos consultórios dos advogados e nos tribunais, e, parecendo que não, possuímos sempre a liberdade. Mas, assim, ajudaremos a fazer menos casas. Talvez sim, ou talvez não... Há sempre o mistério; há sempre a Providência; frequentemente surge a surpresa. Depois, qualquer maneira, ajudaríamos sempre a fazer poucas. Antecipamos menos de outra maneira.

Senhor, que eu compreenda o profundíssimo mistério da fecundidade da pobreza. Que eu saiba ser pobre. Que eu nunca me deixe prender, ainda que com cadeias de ouro. Senhor, que eu ter sempre liberdade e condições de Vos louvar e de servir maior número de irmãos.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar de Beira).

Setúbal

Continuação da PRIMEIRA pág.

caixa do seu protector sem qualquer esforço, prepara-se assim para ser amanhã um desgraçado.

Cometendo um autêntico crime, o homem habitua-se a fazer «caridade!...» A vida é tão falsa!... Ainda que alguns tivessem visto o alcance criminoso daquela atitude geral, ninguém teve a valentia de ao menos não pôr a moeda na caixinha. O Padre não deu nada... e foi um escândalo. Bendito escândalo!... É necessário que o escândalo venha ao mundo.

Se a corrupção de menores é crime grave, não será motivo para punir toda a sociedade que assim procede ou a autoridade que consente?

Os cegos não podem morrer à fome. A sua incapacidade para ganhar a vida é encargo social, mas não devemos permitir a sua sobrevivência à custa da corrupção de inocentes!...

E toda a gente deu a sua esmola!... E toda a gente ficou feliz!... E eu fiquei triste... Triste... Triste...

P.e Acílio

ORDINS

Apesar de estar cansado — mas tão alegre! — para atender a todos os que fizeram as suas encomendas a esta Casa, não quero deixar de proporcionar a todos os que nos querem bem um pouco da minha alegria..., embora o

cansaço o queira só para mim!... Tenho na minha frente uma carta de uma das nossas amigas de Lisboa, que não resisto à tentação de a transcrever fazendo dela o artigo desta quinzena.

«Quer saber uma

pequena cena que se deu há trinta e dois anos?... Havia trinta e duas velhinhas que verão eu via praia, sempre com os mesmos cabelos e muito não remendados. Levei-me de lhes mandar pelo Natal um novo a cada um. Mas as marotas, verão seguinte, vieram-me agradecer.

Cont. na 4.ª pág.



O grupo de Obreiros que participou na reunião de Beira, na festa das nossas Bodas de Prata.

Visado
pela
Comissão
de
Censura



OBRA DE PAZES, PARA PAZES, PELOS PAZES

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

● Na nossa Casa do Tojal, houve em tempos, e creio que ainda continua, a campanha do selo, cujo produto é para ajudar a pagar uma máquina de impressão ultimamente adquirida.

Alguém me fez esta observação: «E se nós lançássemos a campanha da garrafa vazia, cujo produto reverteria a favor do nosso Grupo de futebol que anda a necessitar tanto de equipamento e de bolas?» Concordei e aqui fica a sugestão.

Portanto, a esses amigos que tenham garrafas vazias, seria bom que, não lhes fazendo falta, tivessem a bondade de no-las enviar. Valeu? Aos nossos imensos amigos, do Porto em especial, basta escrever um simples postal, ou carta, como queiram, informando-nos aonde podemos ir buscá-las. Pois o nosso motorista, além de 15 em 15 dias levar os rapazes que quinquenalmente vendem «O Gaiato» na cidade do Porto, vai lá diversas vezes tratar de assuntos da Casa. E, nessa altura, passaria por casa, estabelecimento ou fábrica e traria as garrafas. Até porque ele é um dos principais interessados, como actual treinador do Grupo de futebol.

Os outros Amigos que possam corresponder ao meu apelo, e que não sejam da cidade do Porto, terão de adoptar outro sistema, que deixo à sua escolha.

Cá esperamos confiantes na generosidade de todos os nossos leitores.

● Atenção! No próximo dia 23 de Fevereiro, realizar-se-á na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, o enlace matrimonial do Serafim e da Maria José.

Esperamos que os seus e nossos amigos estejam presentes a tão importante passo na vida do Serafim. Desde as felicitações até às prendas... tudo contribuirá para lhe manifestarmos a nossa amizade.

Fausto Teixeira

Benguela

● Bananas: O nosso bananal está quase derrotado, por via das vendas que temos feito, não para cá, mas em maior número para a Metrópole. Só neste mês de Dezembro foram mais de dez toneladas!

Ofereceram-nos bananeiras para plantarmos. Se quisermos mais é só ir buscar. Já temos mais uns hectares. E dentro de um ano haverá banana para muita coisa...

● Instrumentos: Já foram pedidos pelo Sr. Padre, e até à data, nada. Ora o «Toi», Carvalho, Osvaldo, e muitos que gostam das violas, baterias, de tudo, andam-me sempre a pedir, para pedir os ditos.

Com certeza que aqui em Benguela, Lobito e arredores, há alguém que os tenha talvez abandonados e se esqueça deles. Mas nós lembramos a esses!...

Alguém que desistiu... Que não quer tocar... É só mandá-los para cá que nós aproveitamos. Se é velho?... Se é novo? Melhor! Não se esqueçam, é uma avalanche deles a pedir com tristezas. Vamos alegrá-los, pois é tão bom ver as pessoas alegres, que só mandando alguma coisa é que eles se alegram.

● Escolas: princípio de férias. Não se sabem ainda das notas se boas, se más, quer da noite, quer

de dia. Espero para a próxima lhes dar notícias sobre este assunto. Já que falo em escolas devo-lhes dizer que o nosso Armínio andou a tirar a carta de ligeiros e ficou apto a conduzir. Os nossos parabéns.

Amigos Leitores de todo o mundo. Daqui de Benguela, vão as nossas maiores felicitações e que tenham tido um Natal feliz e uma boa passagem de Ano Novo.

João Evangelista

Lar de Lisboa

Apesar da falta de notícias, a vossa generosidade não tem morrido, e tem até sido manifestada por várias maneiras como por exemplo em roupas, géneros, livros e muitas outras coisas. Outros têm contribuído monetariamente: Sra. do Pão todos os meses 50\$00 e mais a dobrar para a melhoria do jantar; Caixa do Estoril 20\$00+20\$00; D. Maria Pacheco 66\$00; anónimos de 50+20+100 à porta; Sra. Miquelina 20 várias vezes; Caixa da Farmácia da Lapa, 70; Maria Luíza, 150\$.

Ainda muitos e muitos mais, quer por cartas quer por outros meios; Sra. Anunciação todos os meses 100; Eng.º Braz de Oliveira 100; João Fonseca 50; Dr. José Passos 50.

E por hoje é tudo. A todos o nosso sincero muito obrigado.

Mário

SETUBAL

● Fomos pôr as nossas contas em dia e verificar como tinha andado a nossa vida durante o ano de 1964. E olhai que todos nós precisávamos, uns mais, outros menos, mas todos precisávamos realmente porque todos nós somos homens.

Quem de vós, industrial ou comerciante, operário ou estudante, ao chegar ao fim do ano deixa de fazer as suas contas, o balanço dos seus negócios ou do seu método para conseguir passar de ano?!... — Ninguém com certeza. E se o trabalho, as suas contas ou seu método lhe trouxeram resultados negativos nesse ano, imediatamente procura outros meios diferentes.

Pois assim devia ser também connosco que nos dizemos muitas vezes cristãos, mas somo-lo apenas de nome; também nós devíamos sempre aperfeiçoarmo-nos mais e melhor, tornarmo-nos mais homens, mais membros vivos da Santa Igreja, mais filhos de Deus.

Rouxinol

BELEM

● Magusto — Na nossa quinta não temos castanheiros, por isso não há castanhas.

No dia oito de Dezembro, dia da Imaculada Conceição, graças ao senhor Leandro e à senhora D. Fausta pudemos fazer um magusto.

De manhã, depois da Missa, as mais pequenas foram arranjar caruma, mas não sabíamos para que era.

De tarde, por volta das três e meia, andávamos a brincar, todas cheias de frio, quando aparece a menina Isaura, com as mais crescidas, que traziam um saco de plástico, um cartucho de bolas e outra saca meia de castanhas. De tão contentes que estávamos, até nos esquecemos do frio. Fomos logo buscar a caruma

aonde a tínhamos e pusemo-la junto ao largo onde brincamos. Começamos por a estender para se deitarem as castanhas. Foram duas camadas e, por fim, acendeu-se uma fogueira para se assarem. Quando elas começaram a rebentar, nós até dávamos pulos. Então a Nélinha, de tão afrita que estava, nem sabia onde se meter. Por fim,

começamos a comer. Eram já cinco horas, ainda estávamos em volta delas. Só depois é que comemos os bolos. Tudo estava muito bom, era comer e chorar por mais.

Os Senhores por favor não se esqueçam de que nós não temos castanheiros...

Fátinha

MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página

fora. Foi sempre assim nas nossas Casas. Mas, como é natural, temos o cuidado de as fazer o melhor que sabemos, muito exactas e muito poupadas, nos nossos livros particulares.

Os nossos relatórios são um relato de obras e não de contas. E, quando nos é possível, eis-nos nestas colunas, a informar todas as pessoas de bem, que de qualquer maneira e feito nos enviam os seus donativos, subsídios e esmolas, sejam de que género for e muito gratos ficamos a todos, principalmente, porque confiam em nós e daí nunca nos pedirem contas. São os métodos que nos têm dado certo, porque simples. E são estes mesmos que adoptamos para curar as enfermidades dos nossos pequeninos, pois toda a criança é simples por natureza.

Pois é com estes donativos, dados com muito amor e carinho, que nós temos a Casa Mãe já com a placa. E é ainda com os mesmos donativos e subsídios dos que confiam em nós, que já temos de pé uma parte da futura vacaria e uma pequenina parcela das novas pocilgas. Sim, é com o amor de todos quantos

nos têm ajudado, mais os braços incansáveis dos nossos pedreiros tão amigos, Senhor Joaquim e Senhor José, que de coração aberto e alma confiante, vieram ajudar-nos a construir a nossa Aldeia.

É sim, com estas esmolas oferecidas, cheias de amor, que todos nós, os mais velhos, nos temos educado. E é com as mesmas que os mais pequeninos que têm chegado e continuarão a vir logo que tenhamos condições para tal, hão-de ser educados, em contacto depois com as nossas cabras, vacas, patos, galinhas e ainda em contacto com a beleza da natureza. Ele os campos, as matas; ele as flores, e tudo. «Estes elementos da natureza, usados e saboreados pelo pequeno das ruas, valem mais do que todos os tratados de pedagogia».

E, para não faltar ao prometido, aí vai mais uma precissão de donativos:

Directamente de Luanda do Senhor F. B. Leitão, um pacote com boa roupa. De uma Carmen muito amiga, 100\$00 e com promessa de mais. Maria Adozinda de Cambuze, 100\$. Um anónimo, mais 100\$. Armazéns do Planalto, uma lata de azeite para a nossa consoada. Ainda de Luanda, por intermédio da Livraria Lello,

dois pacotes com roupa e brinquedos. Do assinante 3939, um pacote de roupa. Ainda de Luanda, do Senhor José Pinto, e não sei mais quem, brinquedos e lambarices. De M. Paula, 150\$00. Mais 50\$00 de um Domingos. José Miguel, por intermédio de sua mãe, 300\$. Do S.N.E.C.I.P.A., muitos doces. Senhor Intendente, 50\$. Mais 100\$ e outros donativos. Da mão amiga de um dos nossos trabalhadores, uma pata com patinhos. Mais 100\$, entregues a um vendedor. De um sacerdote muito amigo, 500\$00. Mais outros 500\$ do Banco Comercial de Angola e ainda do gerente do mesmo, 100\$00. De uma Isaura, mãe de dois filhos, 50\$00. M. C. Ribeiro, 50\$. Alfredo Martins Gonçalves, 4 latas de óleo refinado e 2 garrafas de vinho. Do Senhor Oliveira, um pacote de bacalhau e dois garrafas de vinho e ainda um carinho para a nossa menina e mais e mais. Da Cruz Vermelha Portuguesa, 3.000\$00. D. Montenegro, uma consoadazinha muito jeitosa. Doutor Cabral, 2.000\$. Outra vez de Luanda, da União C. Automóveis, 500\$00. A. Pereira Rodrigues, roupa e 100\$00. Dum capelão amigo, uma garrafa de cinzão e outra de vinho do Porto. Da firma A. Santos Pinto, uma lata de azeite, 6 bacalhaus muito bons, um saco de arroz e ainda um grande pacote de rebuçados. Senhora D. Ludovina, 50\$00. Ainda por intermédio da Livraria Lello, 2 sacos com roupa e sapatos. 20\$00 entregues a um vendedor para a máquina fotográfica, da Quitota. Uma senhora muito amiga, 2 bolos, que foram um regalo para a rapaziada, mais 1 garraão de óleo.

Da firma amiga Centro C. Ferragens, um bom bacalhau, um garraão de vinho e lambarices para a noite de Natal. Do posto Administrativo do Luquembo, 200\$. Posto de Quimbango, 90\$. Do Posto da Quitapa, 140\$00 e do Posto de Sautar, 250\$00.

Já temos mais duas vacas. Uma do Senhor Coronel Braz de Oliveira e outra do Senhor Barreira de Aldeia-Formosa. Deus queira que sejam leiteiras. Era um regalo para a pequenada.

A todos mais uma vez muito e muito obrigados.

Fernando Dias

Cont. da 3.ª página

quando lhes disse que não era comigo a conversa, logo me disseram que o «Menino Jesus» só podia ter sido eu, por isto... e por aquilo...

que lhes fazia... Então uma já trazia o dela, e não o largava mesmo no verão!... Outra, até no inverno dormia com ele! E, de verão, guardava-o para a invernia seguinte. A mais velhinha e mais pobre guardava o dela, para o levar como mortalha.

Queria ir para debaixo da terra embrulhada num chale tão bom. No verão seguinte, soube do epílogo: — De facto essa velhinha morreu e foi embrulhada no chale. A que guardava o dela no verão, vendeu-o e,

ORDINS

com mais umas mi-galhinhas que juntos fez-lhe o enterro! É uma história triste e doce, cheia de ternura, à volta dos chales de «Ordins». Se o Pai Américo fosse vivo, gostaria que lhe contasse. Choraria, tenho a certeza.

Eu própria, ao ver a encomenda que acabo de receber, de mais três chales que vão agasalhar outros ombros, arrazaram-se-me os olhos de lágrimas, ao lembrar-me das três velhinhas que já deram contas a Deus».

Apesar de tanto carinho com os nossos chales, e de serem tão quentinhos, e bem feitos — como todos dizem!... — este ano as tecedeiras tiveram fraco Natal, pois ainda se encontram muitos feitos à espera dos vossos pedidos. Como anunciei no jornal anterior, trago ao vosso conhecimento o preço dos trabalhos feitos de costura: Aventais desde 14\$00 a 18\$; Camisas de dormir, em flanela, para Senhora, 45\$; para meninas de 12 anos, 30\$00; Jogos de cama individuais, a 65\$00; Cobertores feitos em retalhos de flanela, para berços, a 14\$00; Pijamas para homem a 60\$. E é tudo por hoje.

M. A.

